

# O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*  
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 1 de maio

Acha-se nomeado o ministerio. O sr. Almeida Proença para o reino; Duarte Leitão para a justiça; conde do Tojal para a fazenda, e interinamente para a marinha; Bayard para os estrangeiros, e interinamente para a guerra.

Os cabeças da conspiração de 6 de outubro desapareceram; mais ahi estão os seus adherentes e sustentáculos.

Não sabemos qual é a politica do novo ministerio, cremos até que não tem nenhuma sua propria. Nos governos representativos o poder deve ser exercido pelos chefes das maiorias, e o gabinete nem as conhece.

Mas as nossas circumstancias são extraordinarias, e tudo por isso deve ser menos regular. Isto não significa que os negocios publicos devam ser geridos por mediocridades. Essas circumstancias exigem caracteres energicos que pela força do seu genio se elevem á altura dos acontecimentos, e os dirijam no sentido do bem commum. Esses homens não se criam, não se improvisam, apparecem ao lume d'agua, todos os conhecem, todos os indigitam, todos os saudam.—Quando Napoleão salvou a França debilitada pelas suas dissensões internas e pela corrupção do directorio, tinha ganho muitas batalhas, conquistado a Italia para a republica, levado o nome e a gloria das armas francezas ao Egypto. Não foi um rei que o elevou, foi elle que se engrandeceu, e a França toda disse *Salve*. Nunca houve salvador sem precursor e o precursor dos homens d'estado são as acções gloriosas que os enobreceram.

O ministerio por conseguinte não póde salvar o paiz.

E isto não quer dizer que elle não tenha seu prestimo—póde tel-o, póde fazer grandes serviços á sua patria.

As situações politicas não se resolvem de salto, os acontecimentos marcham independente

da vontade dos homens, e por isso seguem mais ou menos a sua estrada regular.

Se a revolução triumphar por meio das armas o ministerio está formado:—o ministerio é a junta do Porto até que a representação nacional se reuna; que é essa a quem toca designar aquelles que devem gerir os publicos negocios. Mas a nomeação do ministerio actual é independente da revolução, ainda que determinada pelas necessidades d'ella, e por isso deve ser avaliado em relação á côrte de quem se diz ser filho, em relação á revolução que elle deseja terminar, e em relação ao paiz em cujo interesse deve ser formado.

A rainha vio a sua corôa em perigo e quiz salvá-la. Não lhe attribuimos motivos mais nobres, porque realmente os não ha. Do sangue derramado não se importa ella, que o tem deixado correr a jorros. As lagrimas das victimas não a commovem; que nem sequer as quiz ouvir, ou não as attendeu depois de ouvidas. Declarando-se inimiga dos seus subditos pelo acto de mandar seu marido fazer a guerra, divorciou-se com elles; vendo-se solitaria quer transigir, e d'ahi nasceu o novo ministerio.

É claro que a rainha com estas disposições não ia buscar ministros á revolução, nem isso se podia rasoavelmente esperar. Era um acto assás nobre que a côrte não podia comprehender, era o unico que podia grangear-lhe de novo esta affeição que um rei nunca devia ter perdido, era o unico que podia fazer acreditar ás massas que a sua rainha fôra innocente nos males publicos, e que os seus conselheiros eram os unicos responsaveis das desgraças da nação.

Foi pois natural a transição, se ha animo de que seja só transição para o governo popular e nacional. A côrte não praticou um acto sublime, mas fez uma cousa que lhe não está mal, e que é a mais natural das transições, e até a mais frequente.

Em relação pois á côrte o ministerio é racio-



nal; pôde fazer-lhe grandes serviços e ao paiz, se reconhecendo a sua missão a desempenhar com lealdade.

Esta missão consiste em aplanar o caminho para que o governo do estado entre na estrada constitucional sem violencia, para que essa nuvem prenhe de tempestades se dissipe sem se romper, para que o povo triunfe sem levar diante de si o throno, para que a equidade prevaleça sobre o rigor da justiça e sobre os rancores dos partidos, e em fim para que o bem de todos prepondera sobre o bem do maior numero.

Se a isso se limitar a missão do ministerio o paiz saudará a sua elevação. Uma transacção quer dizer o sacrificio mutuo d'interesses de ambas as partes, cada uma prescinde de alguma cousa a que aspirava, cede algum tanto *pro bono pacis*, e esta cedencia é compensada pela segurança da posse do que se obtem, e pela certeza de que nos livra dos riscos da contenda.

Para tratar com a junta do Porto é preciso primeiro reconhecer o seu direito, é preciso reintegrar todos os seus membros, é preciso mais alguma cousa que é respeitar e revalidar, e de revalidação carecem, todos os seus actos e compromissos. A junta fez grande serviço á rainha, chamou ao gremio liberal homens que levantavam armas contra ella e contra a sua dynastia, fez abater sem derramar sangue a bandeira do proscripto, e augmentou assim o numero dos amigos das instituições liberaes.

O partido popular não quer a aniquilação dos seus contrarios. Não teme a guerra mas não a deseja. Dá cabeças para o cadafalso, victimas da sua dedicação para as costas d'Africa, mas não levanta forcas nem proscree cidadãos. Sabe vencer mas sabe tambem ser generoso. Pôde aniquilar e aniquila os despotas, mas respeita e acata o throno apenas este deixa de lhe ser hostil e quer trilhar a senda da legalidade.

Mas antes de toda e qualquer negociação ha um assumpto grave que merece a maior consideração

A rainha deu este passo para obter a mediação estrangeira. A questão assim fica sendo pouco portugueza da parte da côrte, e só o é do lado do junta do Porto.

Para vergonha d'essa facção que ainda por ahí se pavonea, os estrangeiros foram chamados contra nós. Se a rainha fosse quem os chamasse, se fosse ella quem mandasse vir os castelhanos para esmagar os portuguezes, nós com toda a nação bradaríamos que a rainha tinha perdido todo o direito ao throno. E de facto o perdera; porque ficaria duqueza de Mantua mas não rainha dos portuguezes.

E esses castelhanos foram chamados, e os hespanhoes ameaçam a nossa independencia. Não é o sentimento das nossas dissensões politicas que os move, é o medo; são arrogantes por cobardia; receiam que sejamos livres, e que

a nossa força os prejudique; querem pois engrossar as fileiras cabralistas para aniquilarem a nossa nacionalidade, e por desgraça nossa

Tambem dos portuguezes

Alguns traideres houve algumas vezes

A asserção de que a interferencia hespanhola que os cabralistas sollicitaram é filha de uma politica mesquinha e de medo, acha-se no *Diario* de 27. Ei-la ahí:

«E seria possível que houvesse uma nação estrangeira que olhasse indifferente para as tentativas desacordadas d'esses fanaticos demagogos, cuja vaidade a ameaçava? E quando o fosse em relação a nós os portuguezes, consentiria por ventura, que no meio dia da Europa se levantasse um gigante, que hoje ou amanhã, mais cedo ou mais tarde, podia esmagal-a debaixo do seu peso enorme?»

Sim! Essa revolução é o gigante que pôde devorar os pigmeus, mas o gigante tambem não se deixará manietar facilmente. Assim reconhecem a nossa grandeza, assim querem suffocar o gigante nascente? Não é a vida que nos trazem é a morte com que nos ameaçam.

Mas se a maioria dos portuguezes é ministerial para que chamaram cá os estrangeiros? E se é anti-ministerial; se está alistada nas fileiras da junta do Porto como é que uma minoria facciosa e insignificante quer dirigir os destinos do paiz? pois nos governos representativos vae buscar-se a força fóra dos limites do estado? Luiz XVIII foi trazido nas pontas das bayonetas dos aliados, e a sua descendencia morreu desthonada!

Quando a folha official escrevia assim estava certa de que por parte da Hespanha nós eramos ameaçados. Exultava com a ameaça mas callava-a. Nós revelaremos toda a hediondez d'esse partido vendido ao estrangeiro, d'essa côrte fementida que não confia no valor e lealdade dos seus subditos. Vamos publicar documentos que ficarão perpetuamente gravados na memoria dos homens. Ei-los ahí:

«N.º 1.—Administração de Estremoz.—N.º 152.—Ill.º sr.—O illustrissimo sr. administrador d'este concelho, encarrega-me de comunicar a v. s.ª que acaba de chegar a esta villa uma guarda avançada de cavallaria do exercito hespanhol, commandada por um official superior, com participação ao ex.º general visconde de Setubal da entrada das forças d'aquella nação n'este reino a fim de por uma vez se acabar com essa detestavel rebellião que tem devastado o nosso paiz: o que o mesme sr. administrador quer que v. s.ª mande logo fazer publico n'essa parochia para satisfação dos leaes subditos de S. M. a rainha e desengano dos incautos que se deixaram arrastar pelas seducções dos rebeldes. V. s.ª enviará certidão do cumprimento d'esta ordem.—Deus guarde a v. s.ª.—Estremoz 23 de abril de 1847.—O escri-



vão da administração, *Thimotheo José da Silveira.*»

«N.º 2.—Como o sr. regedor de parochia d'Azaruja transmittiu a minha primeira noticia aos rebeldos d'Evora, fazendo-a apparecer nas suas chronicas, rogo-lhe queira dar egual andamento a esta, fazendo conhecer que a força de cavallaria hespanhola que aqui pernoitou hoje é de lanceiros, commandada pelo tenente coronel D. Manuel Rodrigues Fitz, e que as forças hespanholas que veem na sua rectaguarda são compostas de tres mil homens de infantaria d'Almansa e quatro esquadões de cavallaria d'Alcantara, um de Maria Christina, duas companhias de sapadores do regimento de engenheiros, uma bateria de montanha, um batalhão do regimento de Aragão, e mais duas baterias, uma de montanha e outra de obuses de 24. — Estremoz 23 de abril de 1847. — O administrador do concelho, *Joaquim José Ledo.*»

O governo assim annunciou oficialmente a interferencia, e esse facto é grave. O facto não é exacto, mas da parte do governo ha tanta ou mais culpabilidade como se o fosse. O caso passou se assim :

O ministerio Pacheco é um ministerio de transição; os progressistas são aquelles a quem o poder vae tocar naturalmente; mas os puritanos não querem largar, e por isso tentam sufocar aqui o principio liberal a fim de desalentar lá os seus contrarios. Aquelle governo tem o instincto da conservação e nada mais — ouviu dizer que na Inglaterra tinham embarcado soldados para Portugal, e como a fraqueza sempre é arrogante julgou que devia vir coadjuvar a Inglaterra, e mandou que marchassem os castelhanos. O ministro inglez informado do caso fez parar immediatamente a marcha dos fanfarrões, e as tropas cuja guarda avançada annunciavam os cabralistas de Estremoz, não passaram de Badajoz, nem passariam em quanto não soubessem que os inglezes tinham desembarcado para lhes guardarem as costas. Tres mil homens era um almoço para o visconde de Sá, e Montes Claros é no Alemtejo.

O tenente coronel Fitz era portador de um officio do ministro inglez em Madrid — não era guarda avançada, tinha as honras de postilhão. De commandante militar passou a chefe de posta em que se corre menos perigo.

E o contheudo d'este officio era importante. O *Espectro* sabe-o, e vai publical-o. Eis-o ahi :

«Madrid 19 de abril de 1847. — Ex.<sup>mo</sup> sr. visconde de Sá da Bandeira. — Édo meu dever representar a v. ex.<sup>a</sup> que hoje combinei com S. M. C. os termos d'uma conveniente e honrosa transacção que vai ser proposta a S. M. F. e á junta do Porto.

«Esta transacção é inteiramente grata ao governo de S. M. B. o qual desde o principio

d'estas desgraçadas differenças que tem lançado n'um estado de desordem a confusão o reino de Portugal, tem anciosamente desejado vêr essas differenças terminadas por um justo e equitativo convenio, honroso e decoroso para a corôa de S. M. F., e ao mesmo tempo capaz de perseverar intactas as liberdades e direitos do povo portuguez.

«Essa transacção contem alem d'isso uma amnistia geral para todas as pessoas envolvidas na guerra civil. Ainda que não me fosse permittido dizer mais sobre isso em quanto ella não é submettida a S. M. F., não vejo difficuldade em dizer que comprehende tudo o que póde rasoavelmente desejar uma pessoa tão distincta e patriótica como v. ex.<sup>a</sup>»

«Vejo-me por conseguinte obrigado a associar-me ao passo dado pelo governo hespenhol e a pedir mui encarecidamente a v. ex.<sup>a</sup> por amor d'aquella paz, que esta interposição provavelmente produzirá, e que deve ser desejada por todos os amigos do seu paiz, bem como por todos os outros motivos para que posso rasoavelmente appellar (proprijs para desviarem um homem reflectido de levar as cousas ao fim o pode muito bem ser fatal á sua propria causa, e n'este caso provavelmente o seria) que cesse depois da recepção d'esta communicacção com todos os ulteriores actos de hostilidade, e que espere na posição em que v. ex.<sup>a</sup> agora occupa, até que receba a communicacção, que quasi immediatamente seguir esta, do ministro de S. M. B. em Lisboa.

«Confiando inteiramente que v. ex.<sup>a</sup> me fará a honra de dar a esta communicacção a attenção que ella merece, tenho a honra de ser.— De v. ex.<sup>a</sup>, etc.—(Assignado) *H. L. Bulwer.*»

Eis-ahi o papel que trouxe o tenente coronel commandante da guarda avançada do exercito hespanhol. A resposta a elle ei-la ahi:

«As forças que occupam Setubal commandadas pelo general visconde de Sá estão resolvidas a obedecer á junta do Porto, e a acceitar ou recusar o que fôr por ella acceitado ou recusado.

«Em quanto a resolução da junta não lhe for conhecida, e continuando o inimigo a augmentar os seus meios offensivos, estas forças julgam-se livres para emprehen der qualquer movimento offensivo que julguem conveniente sem comtudo se recusarem a suspenderem as hostilidades até a final decisão da junta uma vez que se tomem todas as medidas honrosas que se costumam pôr em pratica entre duas forças belligerantes.—Quartel general de Setubal, 27 de abril de 1847.—(Assignado) *Marquez de Mello.*»

O officio do ministro inglez contem materia analogá á que temos tractado nos numeros antecedentes sobre a mediação ingleza, mas o procedimento do nosso governo, e a attitude do



hespanhol impõe-nos deveres a que não sabermos falar.

Se a mediação é officiosa, se é por motivos de humanidade, acceitamol-a. Se é uma ameaça, rejeitamol-a. A mediação ingleza é honrosa, a de Hespanha com esse apparatus bellico é desprezível. A junta deve responder com a convenção franceza — *A França não trata com os seus inimigos em quanto um só pisar o seu territorio.* Assim deve dizer a junta: *Portugal não trata quando é ameaçado.* Se a rainha accede a tudo, se os cabralistas se humilham, não deve acceder a tudo nem se pôde humilhar a nação que a junta representa.

As propostas da Inglaterra são o triunfo da nossa causa; o programma da junta do Porto fica salvo; só é preciso reconhecer as suas consequencias.

A Inglaterra diz nas suas propostas que não ha rebelião em Portugal, mas sim *um esforço energico* contra o despotismo. Esse esforço pois deve ser louvado, o que se fez em virtude d'elle deve ser sancionado.

Os interesses populares não são os interesses de meia duzia de individuos, e por isso o povo só quer garantias de liberdade. Essas garantias não nol-as dá ninguem, estão na nossa organização.

Quando o povo parecia ser levado de vencida a diplomacia dormia, e nós derramavamos sangue. O governo hespanhol municiaava os nossos inimigos; só a Inglaterra nos chorava. Quando nós estamos nas vesperras do vencimento, quando a victoria nos sorri, é que os humanitarios dos *fusilamentos* se compadeceem das desgraças para que concorreram, e querem fazer sua uma mediação em que a Inglaterra os deixou entrar por graça e mercê.

Pedem-nos que *paremos*. Bem! é porque marchamos. Não disseram ao Saldanha que parasse quando nos ameaçava de entrar no Porto. Seria porque sabiam que não entrava lá; seria porque desejavam que elle o fizesse?

A mediação da Inglaterra é acceitavel; só nos resta segurarmos o nosso futuro. Não o segurando, nem uma nem outra mediação se deve acceitar. Os estrangeiros não hão de pisar sempre o nosso solo, e se a rainha descer á indignidade de os chamar, como desceu o seu governo, nós ajustaremos as contas quando esses auxiliares se ausentarem.

Assim o sente a Inglaterra civilisada. A sua politica está nas suas notas, nos seus jornaes. Terminaremos este artigo publicando um do *Times* em que se desenvolve todo o pensamento do gabinete inglez.

Attente pois bem o ministerio. Se quer ser castelhano, seja o embora; mas nem todas as usurpações duram 60 annos. A de D. Miguel durou menos, a que se prepara será ainda mais efemera, porque a Hespanha está nas vesperras

da sua emancipação. Eis-aqui o artigo a que nos referimos.

« Londres 17 de abril. — E' evidente que no actual estado de cousas em Portugal a côrte não pôde ter esperanças razoaveis de dictar condições aos insurgentes, ou de terminar a contenda d'um modo satisfactorio para ella. Nas dissensões civis d'esta natureza o triunfo absoluto de qualquer partido é o resultado que mais se deve receiar, porque é absolutamente seguido do abuso da auctoridade por um lado, e da proscricção pelo outro. A desunião entre os generaes da rainha, o seu thesouro totalmente exausto, a suspeitada desafeição da capital e o abatimento das tropas reaes tem reduzido a côrte a uma posição puramente defensiva. A junta do Porto, pelo contrario, equipou uma expedição que illudiu facilmente o bloqueio do Douro, seguiu além de Lisboa, e desembarcou sem opposição em Lagos, no Algarve. Saldanha não pôde já abafar a nova rebelião das provincias do sul, e a auctoridade real vae ficar limitada a Lisboa aonde a esquadra ingleza empresta um soccorro passivo á causa da rainha, e está prompta a dar protecção á sua pessoa; mas não é impossivel que se requisite a protecção de parte da marinha ingleza para cubrir a retirada da familia real nas immediações da capital.

Nunca foi intenção do governo inglez metter-se mais directamente n'estas hostilidades, ou cooperar com alguma das partes contendoras; pois ainda que não fosse difficil para a Inglaterra inclinar-se a favor da causa da rainha de Portugal e forçar os insurgentes a sujeitarem-se á terrivel superioridade de tal alliança, é claro que o governo britannico não podia tentar resolver e terminar a questão politica que occasionára esta rebelião. Se nós caíssemos em garantir as promessas da corte não teriamos certeza de que ellas seriam cumpridas, e em todos os casos a saída dos corpos dos auxiliares estrangeiros seriam o signal de nova insurreição exacerbada pelo resentimento da interferencia estranha.

E' por conseguinte essencial para a auctoridade da rainha de Portugal que tudo o que se fizer seja feito pelo seu governo, e nós confiamos que as condições em que se pode concordar, mesmo em circumstancias adversas, serão mais respeitadas e menos precarias sendo ajustadas por auctoridades nacionaes do que quaesquer arranjos que podessem ser dictados pela força illusoria da intervenção estrangeira.

E' claro que o primeiro interesse de Portugal e de seus alliados é que a lucta não chegue ás extremidades; mas tambem é certo que as pertençações de ambas as partes são difficeis de conciliar. Pelo que respeita á questão de pessoas é certo que o principio capital do governo constitucional concede aos representantes da nação o *veto* sobre aquelles que gozam da confiança



politica da soberana, e nada é tambem tão perigoso para o corôa como estender o manto da prerogativa sobre homens que perderam a estima do povo ou que excitaram as suas paixões. Mas ao mesmo tempo seria uma affronta para esta auctoridade real, que ambos os partidos ainda professam respeitar, se os chefes d'esta insurreição entrassem por força nos conselhos da soberana. O povo tem o direito de pedir mesmo com as armas na mão o exacto cumprimento do pacto nacional e a observancia de todas as condições do governo representativo, mas elle converte a legitima defeza da sua liberdade em violencia legal e excessos arbitrarios se procura aproveitar-se da fortuna da guerra para modificar estas condições em seu favor e impôr á corôa concessões humilhantes e injustas.

Por estas razões ainda que uma potencia estrangeira é máu auxiliar nas convulsões domesticas do estado, porque desacredita o partido ao qual dá auxilio temporario, tal potencia pôde, não obstante, ser bom mediano, porque pôde avaliar mais desapassionadamente o que os partidos devem um ao outro do que elles mesmos.

São estas as vistas que parece ter guiado a politica dos gabinetes de Londres e Madrid com referencia ao presente estado de Portugal, e parece que o governo francez concorreu n'este mesmo sentido. E' extremamente improvable, e não seria menos impolitico, que alguma intervenção directa tenha logar para inverter a face dos negocios, e reduzir os insurgentes a capitular com a côrte. Mas por outro lado a côrte de Lisboa deve lembrar-se que o soccorro passivo que actualmente recebe da nossa esquadra a tem provavelmente salvado d'uma prompta derrota, e procurado oportunidade de tratar em melhores termos. Se a rainha fôr tão mal aconselhada que rejeite todas as concessões que são praticaveis, e que especule n'uma intervenção mais activa a seu favor quando todas as probabilidades de bom resultado estão exaustas, receiamos que ella se engane cruelmente, ainda que deliberadamente; e no estado actual dos seus negocios, se a côrte presiste em rejeitar o compromisso que lhe é recommendado pelos seus alliados, é provavel que o unico dever que estes terão de cumprir será escolta-la com segurança das praias de Portugal. Confiamos comtudo que em breve estejamos livres do receio d'esta deploravel alternativa.»

Hontem estalou a insurreição em parte da cidade. Os insurgidos dirigiram-se ao Limoeiro e soltaram os presos. A guarnição do Castello fechou as portas e começou aos tiros. D'alli foram sobre a Graça, aonde houve algum fogo. Dois soldados foram mortos, populares parece que não chegaram a meia duzia.

O rei vinha do deposito da Graça, e á Guia foi apupado, porque o povo pensava que o barão de Sarmiento era o Saldanha. Depois enfiado e cheio de susto foi metter-se no paço até passar o perigo.

Os batalhões nacionaes não reuniram a 5.<sup>a</sup> parte da gente que teem. O batalhão da carta nem juntou mais de 90 homens, e não passou do Rocio.

Os empregados publicos espancaram alguns cidadãos inermes.

Os insurgidos parece que tomaram uns a estrada de Cintra, outros a de Sacavem. Dizem-nos que seriam 300 homens.

O socego que se desfructa na capital é este. O regimento 4 tambem se revolucionou em vão no tempo de D. Miguel e tantas foram as tentativas até que a tyrannia cabiu.

O *Diario* fez suas as noticias do *Boletim Cabralista* de Coimbra, publicando-as. N'aquelle papel diz-se que a rainha ainda hoje está concedendo do seu bolsinho, ás familias do Mouzinho e do Bomfim, mezadas correspondentes ás patentes d'estes, e que todos os dias manda distribuir pelos povos da capital cinco mil rações. O *Boletim* conclue que a rainha merece por aquelle facto e por outros iguaes todo o amor e respeito do articulista.

Pensamos que a bardo do Mondego quiz fazer um epigramma á rainha. Aquella senhora não dá nada ás familias indicadas, nem se sabe que dê mesmo uma esmola a um pobre quanto mais cinco mil rações. Se é mãi desvelada é dos filhos d'ella como as outras, mas tem obrigação para isso. Se todas as suas acções são como as que o pobre cabralista commemora, tributa á rainha um amor e respeito fundado n'uma chimerica que desaparecerá como o fumo.

Pobre rainha, esses miseraveis, que te querem elogiar á nossa custa, enterram-te.

Vimos a discripção da parada e do jantar com que o Saldanha festejou o dia 7 d'abril na Arrifana, lemo-la e admirámo-la. Está escripta com talento e parece-nos que com exactidão. Diz-se alli que os «homens eram machinas e os cavavallos sensatos!!!» Eis aqui as proprias palavras—«Vedes vós n'esta assembléa de homens machinas como tudo se agita sereno? Vedes aquelle marchar ordenado e gracioso dos ginetes como se fossem sensatos?»

Esta eloquencia é nova mas expressiva. É d'um ridiculo fulminante. O papel está escripto todo n'aquelle gosto, e parece-nos mais ser obra de *homem-machina* que de *cavallo-sensato*.

Vamos começar a publicação da correspondencia cabralista interceptada. É muito curio-



sa. Começaremos pela seguinte que iremos dando successivamente.—Uma circular do Saldanha dizendo que as meias corôas que lhe mandam são falsas quasi todas—uma carta do Dantas que está nervoso porque o Gil Guedes não faz nada—outra do ex-conde do Tojal dizendo mal dos seus collegas, e declarando que não pôde arranjar dinheiro—outra de D. José de Lacerda ralhando do ministerio, do Castilho, do Gorjão, e de outros—outra de José Castilho na qual depois de dizer que a espada do rei sustenta nullidades, conclue lembrando que o Simas não deve ser ministro, que o Gorjão em lugar de ir para o reino deve ir para a justiça, que elle Castilho, por ter muita energia, deve ficar com a pasta do reino, e se fôr preciso com a dos estrangeiros interinamente!!! Tudo isto é modestia, que elle *segreda* ao Ximines para depois de passar pelo seu *crisol* se formar uma *entidade governo* que não tenha qualidades *antipodas* da energia. Ahi vai a

## CORRESPONDENCIA INTERCEPTADA

## 1.º

«Oliveira d'Azemeis, 20 de março.—Confidencial.—A s. ex.ª o sr. ministro da guerra.—O marechal duque de Saldanha previne que no dinheiro remettido pelo governo de S. M. para o exercito se encontram quasi todas, ou todas as meias corôas falsas.—*Damazio*, capitão ás ordens.

(A' vista d'esta franca declaração, escusado é recommendar que devemos ter toda a cautella com as meias corôas, para que não possam passar do Sul do Douro.)

## 2.º

«Meu prezadissimo amigo.—Tive a satisfação de receber as suas estimadissimas cartas de 24 e 25 do corrente.

Hontem sahiu de Abrantes, e foi pernoutar em Villa do Rei a columna do commando do coronel Bravo.

Além das providencias, que lhe disse hontem se haviam dado a respeito dos vapores do Porto, deu-se hoje ordem para amanhã marchar para a praça de Peniche o batalhão do Algarve, e estar prompta a marchar á primeira

ordem a columna composta dos contingentes e recrutas, que não é de 600 homens como lhe disse hontem mas sim de 475. Fui pedir ao ministro da fazenda uma das pequenas embarcações da fiscalisação das alfandegae, que fosse de bom andar, para a mandar de observação sobre Peniche, e voltar logo a dar parte, quando descubra algum dos vapores; esta pequena embarcação leva um official de marinha: dei, depois d'isto feito, parte ao meu ministro que se dignou d'aprovar.

Do barão da Foz se receberam hoje officios com data de 24 do corrente, em que diz não terem já n'aquelle dia comido ração os cavallos da sua columna, que se o capitão general da Estremadura Hespanhola não lhe permittir a entrada n'este reino de alguma cevada, terá de se retirar para Elvas!!!

Conto que os revoltosos do Algarve em numero de 600 entraram em Evora, e que se preparam para vir a Alcacer.

Consta que na segunda feira estarão promptos os 80:000\$000 para mandar para ahi, mas agora o que receio é que não haja força para os conduzir.

Estou desesperadissimo, e se fosse a dizer os meus sentimentos não sei até onde chegaria, mas não deixarei de lhe dizer que me parece impossivel que um general diga que retira de Monforte para Elvas porque não tem alli que dar aos cavallos, logo é porque em Elvas tem esse fornecimento e então porque o não manda transportar para alli; e se lá não o tem para que retira para um ponto onde vai estar nas mesmas circumstancias que alli.

A respeito do emprestimo ahi vai uma carta do conde do Tojal, que diz o que ha a esse respeito.

Adeos meu querido amigo estou tão nervoso que não sei o que faço nem o que digo.—Seu amigo do C.—*Dantas*.—Em 27 de março.

## A ULTIMA HORA

Sabemos com certeza que a rainha acceitou hontem as propostas do gabinete inglez sem modificação alguma. O coronel Wilde partiu esta madrugada para Setubal no vapor Polyphemus, volta hoje á noute, e parte amanhã para o Porto.



## O ESPECTRO

Lisboa, 2 de Maio

Acabamos de receber parte official da batalha de Setubal. O supplemento do *Diario* informa-nos ainda mais circunstanciadamente da perda do inimigo. Além da morte do tenente coronel Castello Branco ficaram feridos os coroneis Marcelli, Barata, e o tenente coronel Pereira.

As forças liberaes conseguiram o seu fim. Os cabralistas, segundo o *Diario*, sollicitaram armistício, que a pedido do coronel Wilde lhes foi concedido.

Não são sómente estas vantagens as que temos obtido. A corveta *Oito de Julho*, que estava bloqueando o Porto, entregou-se ao serviço da junta. Tudo nos augura um futuro feliz.

## PARTE OFFICIAL

1.ª

Não posso escrever muito porque estou mui cansado. Pela carta do marquez de Mello verá o resumo do combate d'hoje. A perda d'ambos os lados foi grande. Por um official que veio do quartel general do Vinhaes consta que lá avaliavam a sua perda em 400 homens fóra do combate. A nossa é de 150. Entre alguns officiaes tivemos a desgraça de perder *Pancada*, que era um dos nossos melhores officiaes de cavallaria. Fernando Mousinho foi gravemente ferido. O coronel Wilde propoz uma suspensão d'armas que foi aceita d'ambos os lados.—Setubal 1.º de maio de 1847.—*Sá da Bandeira*.

2.ª

N'este momento cessou o fogo, tendo-nos engajado esta manhã pelo motivo e maneira seguinte:

O general julgou não dever tolerar por mais tempo que o inimigo abusasse da nossa condescendencia em não os atacar, augmentando os seus meio de ataque, já pelo augmento de homens, já pelo de artilharia, que como ahi saberá para aqui foi dirigida.—Trabalhava elle na construcção de um reducto que nos havia de encommodar muito no Forte Velho, e punha em risco a villa e vapóres.—Era preciso destruir aquellas obras, e mostrar que os não temiamos. Os commissarios inglezes tinham proposto uma suspensão de hostilidades até que a junta do Porto decidisse sobre a accettazione ou repulsa das celebres condições, e nós lhes respondemos, que para tudo se deviam dirigir á junta, e ao general conde das Antas, porque nós não po-

diamos accetar cousa que não fosse commum a todas as forças.—Hoje era de crer que o inimigo começasse a fazer jogar a sua artilharia, cumpria pois prevenir isto, e colher todas as vantagens que o movimento que iam fazer nos podia proporcionar. O general havia feito por seus officiaes estudar o terreno, e ordenára tudo para uma sortida esta manhã, com o fim principal de destruir o reducto, e de colhermos, como já disse, as mais vantagens que tal occupação podesse produzir.—As forças destinadas a tomar reducto, e a atacarem a forte posição da direita do inimigo, fizeram-no galhardamente, e em breves momentos as alturas todas eram nossas jogando d'ellas sobre o inimigo a nossa artilharia; porém o 5.º de caçadores e fuzileiros, que faziam o ataque sobre a direita do inimigo, vendo distante a nossa cavallaria, e ainda uma vez enganados, apesar de todas as nossas prévias advertencias, julgaram que os muitos soldados municipaes que para elles corriam se viham apresentar, e depois tomados d'improviso pela cavallaria inimiga, em quanto os municipaes os abraçavam, tiveram que debandar, o que fizeram com alguma desordem.—Os officiaes bem gritavam aos suppostos apresentados que deitassem as armas no chão, mas as recrutas só pensavam em abrir os braços aos fingidos amigos.

Assim se perdeu a posição que tão bem fóra tomada; a perda d'esta trouxe a do reducto, mas como o principal fim estava alcançado que era a demolição do reducto, o general julgou a proposito recolher á villa, vindo occupar as posições que antes tinha. Não sei se este panico do 5 foi a causa de não colhermos um completo triumpho, o que e certo é que nós não fomos compellidos a voltar para a villa, viemos porque muito quizemos. Temos bastantes apresentados, varios officiaes feridos, entre elles creio que gravemente o Fernando Mousinho, menos grave é ferido o Joaquim Guedes, commandante do batalhão de Coimbra, Os mais foram-o levemente, assim como muitos academicos que se offereceram para irem á sortida. Não creio que morresse na classe dos officiaes senão o bravo e excellente official Antonio Joaquim Pancada, de cavallaria, mas que pouco tempo gosou o seu matador d'esta victoria, porque Galamba que viu tudo isto correu sobre o official que era Manoel d'Oliveira Castello Branco, e com dous golpes de espada o deitou morto ao lado do Pancada, que deixa uma viuva e dous lindos filhinhos! Havia quatro horas que durava o fogo quando o coronel Wilde mandou pedir vocalmente ao visconde de Sá, que se elle mandasse cessar o fogo, se compromettia a fazer com que da parte opposta se fizesse o mesmo.—O general respondeu dizendo



o motivo porque sahira, e o fim que tivera, como já fica dito acima—e o fogo cessou por nossa parte, e logo pela d'elles.—Aqui ficaremos pois, até que se conheça qual é a decisão da junta, sem convenção por escripto, mas com a segurança dada pelo coronel Wilde de que Vinhaes nada ajuntára ao que tem feito, ou nós desfizemos, na certeza de que nós tor-

naremos a atacar se Vinhaes do seu lado fizer a menor alteração no seu campo que nos possa ser hostil. O reparo do obuz quebrou-se-nos no primeiro tiro. O visconde não pôde escrever hoje, e por isso eu o faço, tendo elle lido e combinado no que deixo dito.—  
Setubal 1 de maio de 1847—10 horas da manhã.—  
(Assignado) *Marquez de Mello.*